

ESCALADA DO MEDO

Prontidão para repatriados

Itamaraty, Embaixada do Brasil em Tel Aviv, FAB e parlamentares articulam uma operação de resgate de brasileiros no Irã

» DANANDRA ROCHA
» WAL LIMA

Diante da escalada do conflito entre Israel e Irã, que já chega ao 11º dia, hoje, o governo brasileiro intensificou os esforços para garantir a segurança dos cidadãos nacionais que estão nas áreas de conflito.

A Embaixada do Brasil em Tel Aviv começou a registrar, na semana passada, os brasileiros interessados em deixar o território israelense, e interlocutores da Força Aérea Brasileira (FAB) disseram ao **Correio** por meio de telefone que a tropa militar está de prontidão para uma possível operação de resgate, caso seja acionada pelo governo.

Em nota divulgada, ontem, pelo Palácio do Itamaraty, o governo expressou “grave preocupação” com os ataques militares e condena com veemência as ações armadas tanto de Israel quanto dos Estados Unidos contra instalações nucleares iranianas. O governo brasileiro classificou tais ataques como “flagrante transgressão da Carta das Nações Unidas e das normas da Agência Internacional de Energia Atômica”, alertando para os riscos de contaminação radioativa e desastres ambientais de larga escala. O posicionamento, entretanto, não gerou nenhum comunicado oficial para o resgate dos cidadãos brasileiros na região dos confrontos, segundo a FAB.

Em Tel Aviv, a embaixada brasileira divulgou alerta consular orientando que todos os brasileiros interessados em sair do país

Pedro França/Agência Senado



Senador Nelsinho Trad (PSD-MS): “Seguiremos em diálogo com FAB e Itamaraty. Estamos prontos para agir”

preencham um formulário individual — inclusive, menores de idade. Ainda não há, no entanto, um plano fechado de repatriação. O apoio da FAB está condicionado a uma solicitação formal do Ministério das Relações Exteriores, conforme explicou a Aeronáutica em resposta a um ofício do senador Nelsinho Trad (PSD-MS), presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado.

“Seguimos em diálogo direto com a FAB e o Itamaraty. Essa sinalização é uma demonstração

de que estamos prontos para agir. Nosso foco é garantir que todos os brasileiros voltem para casa em segurança”, afirmou o parlamentar.

A reportagem entrou em contato com o Itamaraty em busca de um posicionamento oficial do governo federal, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição.

Na semana passada, contudo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chegou a criticar publicamente os ataques de Israel contra o Irã, na Cúpula do G7, no Canadá. O G7 reúne as sete economias mais

industrializadas do planeta: Estados Unidos, Alemanha, Japão, França, Reino Unido, Canadá e Itália.

“Os recentes ataques de Israel ao Irã ameaçam fazer do Oriente Médio um único campo de batalha, com consequências globais inestimáveis”, disse o presidente brasileiro, em discurso no qual se opôs às demais lideranças do G7, que reforçaram o direito de defesa de Israel. Lula voltou a defender uma solução pacífica e criticou o uso da força como estratégia geopolítica.

Brasileiros em apuros

Enquanto a ajuda não chega ao Oriente Médio, brasileiros vivem momentos de apuros em meio à guerra. Em entrevista à rádio francesa *RFI*, brasileiros que vivem em Israel relataram como têm sido os últimos dias em meio à guerra na região.

Sarah Salomão Neta, que é cozinheira e guia de turismo, mora sozinha em Bat Yam, na região metropolitana de Tel Aviv, e teve sua casa destruída por um míssil iraniano que atingiu a parte da frente do prédio. Ela estava no “miklat”, o termo em hebraico para o abrigo coletivo, que fica na parte de baixo dos edifícios. Esse tipo de abrigo é muito comum, em especial em prédios mais antigos construídos antes de 1993, quando uma lei aprovada pelo parlamento israelense determinou que todas as novas construções deveriam ter um quarto protegido no interior dos apartamentos.

“Para mim só a parte da frente do prédio tinha sido destruída. Depois subi no apartamento e tudo estava destruído. A porta de madeira estava caída no chão, a janela tinha caído na poltrona, no meu quarto todas as paredes caíram”, disse Sarah. Ela está temporariamente hospedada em um hotel em Tel Aviv, assim como os demais moradores do prédio.

“Eu estou em estado de choque. Não posso ouvir um barulho que meu coração vem na boca”, contou a brasileira.

Deborah Kopstein Schanz trabalha como cuidadora de crianças e mora em Ramat Gan, outra

cidade atingida por um míssil iraniano, também relatou os momentos de aflição. “Não estou saindo de casa para praticamente nada, compras eu peço para entregar. Tem sido muito difícil. Fico pensando nos meus pais que moram em Haifa, no meu irmão que mora em Zichron Yaakov (também no norte de Israel) com as crianças”, frisou ela.

“Eu tenho que ir para o abrigo do prédio, mas que não tem uma porta de ferro. É só rezar, porque estão se aproximando [os mísseis]. Estão caindo muito perto de pessoas que a gente conhece”, completou a brasileira.

Já o comerciante brasileiro Mateus, que não informou seu sobrenome por segurança, mora no Irã e fugiu por terra. Ele relatou que estava em Teerã, capital iraniana, no momento em que ocorreu um bombardeio israelense e precisou fugir de táxi para cruzar a fronteira da Turquia.

“Nunca achei que teria uma guerra. Até agora eu não acredito. Eu estou chocada”, declarou o brasileiro. Ele estava a trabalho em Teerã há mais de um mês e morava a 3km de distância de uma das áreas que foram bombardeadas.

Com o espaço aéreo fechado, a única opção para sair do Irã é por via terrestre. A princípio seu plano era seguir com seus colegas iranianos para o norte do país, na cidade de Qaem Shahr, em Mazandaran. Porém, um de seus amigos o convenceu a deixar o país e o ajudou a conseguir um táxi até a fronteira com a Turquia.

Leia mais nas páginas 7, 8 e 9



SERGIO ABRANCHES

DECISÕES QUE FAVORECEM UM PUNHADO DE EMPRESAS INEFICIENTES COM TECNOLOGIA ULTRAPASSADA, BAIXA PRODUTIVIDADE, ADQUIRIDAS POR NOTÓRIOS ESPECULADORES QUE SE VALEM DA EFICÁCIA DE SEU LOBBY NO CONGRESSO. FICARAM FALTANDO DOIS OUTROS EXPEDIENTES QUE OBRIGAM A COMPRA DE ENERGIA DE TÉRMICAS A CARVÃO, AS MAIS SUJAS DO MUNDO

O Congresso dos lobbies

O Congresso dominado por partidos invertebrados do Centrão ficou disfuncional para a sociedade brasileira. Virou a rotina o conluio entre bancadas regionais muito particularistas, capazes de formar maioria contra o interesse coletivo para beneficiar pequenos grupos, a favor às vezes de uma grande empresa enalacrada em algum reduto de parlamentares.

O fim do PSDB como partido de vocação presidencial, e do MDB e do PFL como partidos fortes, abriu espaço para partidos arrivistas, turbinados pelos fundos partidário e eleitoral e pelas emendas. Basta examinar decisões recentes para identificar o viés particularista em ação.

A derrubada de vetos presidenciais a jabutis inseridos no projeto que regula a energia eólica offshore preserva “inserções” que ferem a boa técnica legislativa e, talvez, a constituição, a favor de interesses com CNPJ e CPF. A prorrogação

do Proinfra já superado econômica e tecnologicamente, criado para incentivar o início da geração de novas energias, pereniza contratos com preços inteiramente fora de mercado. O quilowatt/hora custa 2,5 a três vezes mais que os valores, hoje, praticados. A obrigatoriedade de compra de energia de PCHs (pequenas hidrelétricas custos muito altos e forte impacto ambiental), algumas ainda nem construídas, tem endereço certo.

Decisões que favorecem um punhado de empresas ineficientes com tecnologia ultrapassada, baixa produtividade, adquiridas por notórios especuladores que se valem da eficácia de seu lobby no Congresso. Ficaram faltando dois outros expedientes que obrigam a compra de energia de térmicas a carvão, as mais sujas do mundo, e a construção de gasodutos caríssimos e de alto impacto ambiental,

totalmente desnecessários. Esses vetos só não serão derrubados se o governo ceder e incluir os jabutis no projeto que o ministro das Minas e Energia elabora, de luz e gás para todos. O problema é que o projeto do MME provocará um aumento do gasto público.

O Congresso jamais discutiu alternativas compatíveis com a necessária transição energética a esses projetos de baixa qualidade. O que tem debatido é sempre benefícios a empresários ricos, que não melhoram a economia brasileira e espetam a conta bilionária nos boletos dos consumidores. Os partidos do Centrão não precisam mais se preocupar com o eleitor. Asseguram o voto com as emendas. Por isso, dedicam-se a representar os lobbies.

Está evidente que o governo é minoritário no Congresso. Mais ainda, não tem espaço para compor uma coalizão majoritária funcional. Perto de 60% dos votos que contrariaram a orientação governamental vieram de partidos que têm gordos

ministérios no governo. Não é que MDB e PFL não fossem fisiológicos. Eram. Entretanto, eram também mais estruturados e seguiam a orientação das lideranças. Essas, permaneciam fiéis ao governo uma vez acertados os acordos de cargos e verbas públicas. Um mal menor, ainda que aquém da boa política orientada por programas. Hoje, descumprem o acordado.

O PSDB tinha, de início mais visão nacional e protagonizou políticas públicas de qualidade — além do Plano Real — como o “Toda criança na escola”, para universalização do ensino fundamental, a estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS), depois ampliado pelo primeiro governo Lula, os medicamentos genéricos e o próprio Proinfra, muito inicial e tímido, mas um começo. Na trajetória de decadência, foi dominado por grupos contrários às necessidades do país, como defensores de grileiros e desmatadores no Norte. Finalmente, morreu de anemia, deixando vaga a posição que ocupava no eixo bipartidário de disputa presidencial.

Analisei as coalizões dos governos FHC I e II, Lula I e II e Dilma. Nas do presidente do PSDB, o partido pivô, que dava articulação majoritária à coalizão, foi o PFL e, subsidiariamente, o PMDB.

Nos governos do PT, o partido-pivô que tinha o papel de estender a coalizão para além da esquerda, foi o PMDB. Este, só mudou para MDB, sintomaticamente, no governo Temer, início de sua decadência. De pivô, mudou para protagonista da ruptura da coalizão do governo Dilma, abrindo caminho para o impeachment da presidente.

Bombados pelos fundos partidário e eleitoral e pelas emendas, que são fortes anabolizantes, os partidos do Centrão serão muito competitivos nas eleições de 26 e a situação atual pode não ser modificada. As propagandas enganosas em horário nobre na TV, geringonça brasileira, são parte desses esteroides. O próximo governo eleito terá os mesmos problemas de governabilidade, ou será um peão desses partidos e seus lobbies.

BRASÍLIA É O PALCO DO FUTURO.

CAMPUS PARTY

DE 18 A 22 DE JUNHO



PARA SABER MAIS, ACESSE O QR CODE.

INNOVA SUMMIT

DE 24 A 26 DE JUNHO



PARA SABER MAIS, ACESSE O QR CODE.

